



VELHICE INSTITUCIONALIZADA EM TEMPOS PÓS-MODERNOS: A IDENTIDADE EM UNIVERSO PARALELO?

OLD AGE INSTITUTIONALIZED IN POSTMODERN TIMES: THE IDENTITY IN PARALLEL UNIVERSE?

VEJEZ INSTITUCIONALIZADA EN TIEMPOS POST-MODERNOS: LA IDENTIDAD EN UNIVERSO PARALELO?

Bruna Sordi Carrara¹, Patrícia Magalhães Franco Espírito Santo²

RESUMO

Objetivos: compreender a experiência subjetiva de idosos diante de sua institucionalização bem como a percepção de sua identidade na sociedade pós-moderna. **Método:** estudo qualitativo com utilização da observação participante, entrevista semiestruturada e diário de campo, para a produção dos dados. Participaram cinco idosos residentes de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Os dados foram analisados a partir dos quatro passos fenomenológicos de Martins e Bicudo. **Resultados:** emergiram três categorias: *Institucionalizado estou: vivendo eu vou*, refere-se ao processo de institucionalização do idoso; *Resgatando da memória*, na qual foram resgatados o trabalho e a identidade de trabalhador e as relações e recordações de um tempo sem volta; e *A identidade revisitada*, assumindo o mundo interior dos idosos e o contato com a própria realidade, identificando a revisão da identidade. **Conclusão:** os resultados suscitaram a possibilidade de reconstruções de identidades na velhice institucionalizada, mesmo com os impactos provenientes deste contexto. **Descritores:** Velhice; Identidade; Institucionalização; Pós-Modernidade.

ABSTRACT

Objectives: to understand the subjective experience of the elderly before their institutionalization as well as the perception of their identity in the postmodern society. **Method:** a qualitative study using participant observation, semi-structured interviews and field diary, for the production of data. Five elderly residents of a long-stay institution for the elderly (ILPI) participated in the study. Data were analyzed from four phenomenological steps of Martins and Bicudo. **Results:** three categories emerged: I am institutionalized: I am living, refers to the elderly institutionalization process; Rescuing memory, which was rescued labor and worker identity and relationships and memories of a time of no return; and The revisited identity, assuming the inner world of the elderly and the contact with the reality, identifying the revision of identity. **Conclusion:** the results showed the possibility of (re) construction of identities in the institutionalized elderly, despite the impacts from this context. **Descriptors:** Old Age; Identity; institutionalization; Post-Modernity.

RESUMEN

Objetivos: comprender la experiencia subjetiva de ancianos frente a su institucionalización así como la percepción de su identidad en la sociedad post-moderna. **Método:** estudio cualitativo con utilización de la observación participante, entrevista semi-estructurada y diario de campo, para la producción de los datos. Participaron cinco ancianos residentes de una Institución de Larga Permanencia para Ancianos (ILPI). Los datos fueron analizados a partir de los cuatro pasos fenomenológicos de Martins y Bicudo. **Resultados:** surgieron tres categorías: *Institucionalizado estoy: viviendo yo voy*, se refiere al proceso de institucionalización del anciano; *Rescatando de la memoria*, en la cual fueron rescatados el trabajo y la identidad de trabajador y las relaciones y recordaciones de un tiempo sin vuelta; y *La identidad revisitada*, asumiendo el mundo interior de los ancianos y el contacto con la propia realidad, identificando la revisión de la identidad. **Conclusión:** los resultados mostraron la posibilidad de (re)construcciones de identidades en la vejez institucionalizada, mismo con los impactos provenientes de este contexto. **Descritores:** Vejez; Identidad; Institucionalización; Post-Modernidad.

¹Graduanda em Psicologia/Uni-FACEF. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Franca (SP), Brasil. E-mail: brunasordi.c@hotmail.com;

²Professora Doutora em Psicologia, Departamento de Psicologia / Programa de Pós-Graduação em Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Regional, Centro Universitário de Franca/Uni-FACEF. Franca (SP), Brasil. E-mail: patrice.san@gmail.com

INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida aumentou para 73,1 anos e a projeção é alcançar a média de 81,2 anos em 2050. O Censo de 2010, divulgado pelo IBGE, aponta que a população brasileira com 65 anos de idade ou mais, que era de 4,8% em 1991, passou para 5,9% em 2000 e chegou a 7,4% em 2010.¹ Este envelhecimento populacional reflete em mudanças sociais, econômicas, culturais e institucionais, repercute nos sistemas de valores e no arranjo das configurações familiares e ocorre no contexto da chamada pós-modernidade, que, segundo Bauman, na vida social pós-moderna, a confiança é abalada, os vínculos não são duradouros, existe a impessoalidade, os indivíduos são estimulados por novos desejos, as necessidades são escondidas e há uma identidade fluida de indivíduos que consomem constantemente e experimentam sensações sempre mais intensas do que as de anteriormente, resultando em um conjunto de insatisfações.²

O cenário pós-moderno registra avanços científicos e valiosas conquistas, como produção de conhecimento e tecnologias capazes de prolongar a vida humana, o que amplia a longevidade e reforça a ilusão de uma juventude eterna. Esse progresso aumenta a expectativa de vida e promove a manutenção do corpo e da saúde, construindo resistências ao envelhecimento. Nesse sentido, “a ciência e a tecnologia parecem estar a serviço de uma sociedade que reafirma desejos de viver eternamente a juventude e de afastar a morte”.^{3:63}

Considerando as características da pós-modernidade, no interior das transformações, há um movimento para reconstruir a identidade dos velhos sob a ótica de uma velhice autônoma, ativa e bem-sucedida. De acordo com Debert, essa reconstrução da identidade da velhice faz com que esta seja uma questão de escolha pessoal e de responsabilidade única do indivíduo, sendo um estilo de vida diante dos inúmeros produtos e serviços em busca do rejuvenescimento.⁴

No tocante ao envelhecimento, o contexto pós-moderno produz um paradoxo, pois concomitantemente ao êxito da ciência e da tecnologia no prolongamento da vida existe a falta de preparo da sociedade no que se refere ao acolhimento da velhice.³ Nesse sentido, tem-se a certeza de que o crescimento da população idosa está sendo acompanhado pela incerteza das condições de cuidado que ela possuirá, sendo, portanto,

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

função do Estado e do mercado privado dividirem a responsabilidade com as famílias no cuidado com os idosos, e uma das alternativas existentes corresponde à institucionalização.⁵

Existe uma cultura, no Brasil, na qual as instituições asilares são vistas como um lugar de exclusão, de isolamento, de depósito de idosos abandonados, local para onde ninguém gostaria de ir, que expressa marcas de situações de vida precárias.⁶ Nessa perspectiva, a instituição possui uma condição assustadora e inevitável em que o isolamento, a diminuição das relações afetivas e a separação do calor humano familiar fazem com que o tempo cotidiano seja de sofrimento para os idosos que vivem neste local.

Para Yamamoto e Diogo, o aumento do número de idosos é evidente e inquestionável, e as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) - padronização da nomenclatura proposta pela Sociedade Brasileira de Gerontologia e Geriatria (SBGG) - são importantes opções de atendimento a esta população, mas é preciso que possuam infraestrutura adequada para atenderem às necessidades deste segmento populacional e que correspondam às alterações próprias relacionadas à idade.^{7,8}

Como não é próprio da cultura brasileira institucionalizar seus idosos, o processo de institucionalização tem significados poucos receptivos, sendo uma condição de difícil aceitação tanto para os idosos quanto para os familiares e para a própria sociedade. E, independentemente dos motivos que levem à institucionalização dos idosos, existe relação entre a instituição como opção de moradia e local de segregação geracional, permeado por normas e regras institucionais e pelo isolamento, o que favorece a perda da autonomia e do autocuidado e aumento das perdas cognitivas e físicas decorrentes da idade.⁹

Essa ideia coloca a instituição como um local que exclui socialmente o idoso, como se ele não tivesse mais vida própria, tendo como característica, portanto, a estrutura de uma instituição total.¹⁰ As instituições totais possuem uma tendência ao fechamento, agindo sob o indivíduo de uma forma que o seu “eu” sofre transformações pessoais e sociais. O indivíduo que chega a uma instituição possui uma “cultura aparente”¹¹, cujo modo de vida e atividades que eram aceitas em seu ambiente civil e cuja concepção que o indivíduo tinha de si, construída em seu “mundo doméstico”¹¹, se modificam no momento da admissão. Dessa forma, ao entrar no estabelecimento,

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

“começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado”.^{11:24}

A “mortificação do eu”¹¹ corresponde à mutilação da identidade do indivíduo quando ele se depara com homogeneização dentro do sistema institucional, deteriorando a identificação do sujeito com os antigos papéis sociais. São ataques constantes à identidade do indivíduo, que leva ao “despojamento”¹¹ do papel, devido à imposição de barreiras no contato do internado com o mundo externo.¹¹

O idoso institucionalizado é subtraído do meio social e se transforma em um estranho desqualificado, e sua sobrevivência associa-se à possibilidade de reconstruir sua individualidade na interação com os demais residentes e com a própria equipe de funcionários, em uma tentativa de ser reconhecido pelo outro e de construir sua identidade, pois “a existência do indivíduo pressupõe o outro, mas não só, pressupõe a existência apesar do outro, em relação necessária com o outro”.^{12:5}

Dessa forma, a construção do indivíduo inicia e finaliza com a história das suas relações vividas, que são formas de existir e de se construir internamente através das relações externas. O idoso institucionalizado afasta-se deste contexto social que o construiu e o estrutura, desconectando-o do mundo e comprometendo sua individualidade, e sua função é recuperar, de alguma forma, aquilo que lhe foi retirado, inclusive sua liberdade, colocando-o em condição fragilizada.¹²

Os idosos enfrentam diversos problemas, não só em aspectos biológicos mas também sociais. Suas formas de socialização constituem uma série de representações diante do entendimento de como se dão as interações interpessoais nos diferentes âmbitos de convívio social e, na sociedade pós-moderna, existe, cada vez mais, a degradação do indivíduo idoso, apesar dos inúmeros recursos que buscam mascarar o envelhecimento. Assim, para muitos idosos, o momento considerado “a fase da terceira idade”, torna-se uma etapa de marginalização e estigmatização.¹³

O atributo estigmatizante causa problemas para o indivíduo portador de estigma, pois a sociedade restringe as oportunidades, sem atribuir valor, impondo, também, a perda da identidade social e determinando uma imagem deteriorada. O idoso possui uma marca social, com maior ou menor evidência, de acordo com a classe social a que

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

pertence.¹⁴ Este é um dos aspectos que torna o envelhecimento um processo heterogêneo e estigmatizante, principalmente nas sociedades onde o “envelhecer” é algo evitado e a juventude algo desejado, como se fosse possível um envelhecimento sem velhice. Visto que não há espaço para o “mau envelhecimento” em uma sociedade onde a autonomia e a independência são características essenciais para um “bom envelhecimento”, o descrédito da velhice se dá entre o que é esperado do indivíduo idoso pela sociedade e sua não correspondência.¹⁵

Ao se pensar na velhice e na experiência de negação dos efeitos do tempo e dos ataques ao corpo, pensa-se no modelo de “pureza”² para a sociedade pós-moderna, sendo que os que não seguem as normas vigentes tendem à desclassificação à “limpeza”², tornam-se um corpo inválido, sujo.¹⁶ No trato com a velhice institucionalizada, é necessário dar um tempo que não existe, pois “o tempo no asilo é outro, passa mais devagar, ou nem passa”.^{17:51} No mundo pós-moderno, o tempo está acelerado, há muita pressa e não há tempo que sustente esse outro tempo, pois se valoriza o programado, a velocidade exacerbada, e no asilo o que se vê é a desaceleração,¹⁷ no entanto, a problemática do trabalho teve a seguinte questão norteadora: como se dá a construção de si, do sujeito, no idoso que se depara com a instituição asilar como um novo espaço de moradia?

OBJETIVO

- Compreender a experiência subjetiva de idosos diante de sua institucionalização bem como a percepção de sua identidade na sociedade pós-moderna.

MÉTODO

Estudo qualitativo e com o emprego do método fenomenológico,¹⁸ no qual participaram cinco idosos, três do sexo masculino e dois do feminino, residentes de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) do município de Franca (SP), com idades entre 56 e 94 anos. Justifica-se a idade do participante de 56 anos, e não os 60 anteriormente previstos, devido à indicação da psicóloga da instituição e ao desejo e disponibilidade de participação deste.

Na produção dos dados, foram utilizadas observações participantes, entrevistas semiestruturadas e diário de campo. A observação participante teve o objetivo de integrar a pesquisadora na instituição a fim de aproximá-la da vida cotidiana dos residentes,

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

participar da rotina, estabelecer um vínculo e criar condições de confiança. As observações foram realizadas no período de um mês em um total de cinco visitas à instituição, com durações variadas entre duas e quatro horas, e cada encontro pôde ser registrado em diário de campo, contendo informações relevantes que ampliaram a análise e discussão dos dados.

A entrevista foi organizada com questões sobre o tema estudado, mas permitiu que o entrevistado falasse livremente sobre assuntos que surgissem como desdobramentos do tema principal. As entrevistas foram aplicadas individualmente em local preservado - a sala de leitura da instituição - e, de acordo com a resolução nº 196/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos, os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de responderem às entrevistas, que foram permitidas por cada participante a serem gravadas em áudio pela pesquisadora.

Os discursos foram analisados e interpretados de acordo com os quatro passos fenomenológicos propostos por Martins e Bicudo, que consistem em leituras dos discursos, identificação das unidades de significado, interpretação com linguagem psicológica e agrupamento das unidades em categorias.¹⁸

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Franca (protocolo 035/2009).

RESULTADOS

Os participantes entrevistados possuem em média 75 anos. Com relação ao estado civil, dois são solteiros, dois viúvos e um casado, sendo que este obteve seu atual estado civil há dois anos, dentro da instituição. Esses dados apontam a influência da ausência de um companheiro à institucionalização. Três participantes possuem filhos e apenas dois mantêm contato com a família. Antes de residirem na instituição, dois moravam sozinhos, dois com os filhos e um em outra ILPI do município. As profissões dos participantes se diferem e o tempo de institucionalização, a partir do momento da admissão, que varia entre um ano e meio a seis anos, sendo que uma idosa já residiu em outra instituição por 10 anos.

Os discursos permitiram a construção de três categorias com subcategorias de análise:

- **Institucionalizado, estou: vivendo eu vou:** refere-se ao processo de institucionalização vivenciado pelos idosos, relacionado aos motivos da admissão, ao

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

cotidiano institucional - convivência com pessoas, os fazeres - e à instituição como o próprio lar.

- **Resgatando da memória:** trata-se de uma categoria que agrupou o passado de cada idoso, no qual foram resgatados o trabalho e a identidade de trabalhador, as relações e as recordações do tempo em que a instituição não fazia parte da vida.

- **A identidade revisitada:** assume o mundo interior dos idosos, o contato com a própria realidade, o ser-útil, a capacidade, a habilidade, o mundo presente, a percepção de si mesmo, o mundo futuro, as expectativas, as representações de velhice e de saúde e a identidade de velho.

DISCUSSÃO

Institucionalizado, estou: vivendo eu vou *Aqui[...] por quê?*

Os principais motivos da institucionalização são a miséria e o abandono, embora exista, nas instituições asilares, um grande número de idosos dependentes por dificuldades físicas e mentais,¹⁹ no entanto, o afastamento da vida social, do mundo externo, para o idoso, inicia quando alguma fragilidade ameaça sua autonomia, sua liberdade. Essas ameaças invadem a vida do idoso de tal forma que o leva, por conta própria ou não, a buscar assistência em uma instituição asilar.

Os problemas de saúde, como motivo para institucionalização, reforçam a ideia de integração da assistência à saúde à assistência social como característica necessária de uma instituição asilar ou instituição de longa permanência para idosos, a fim de atender as novas demandas sociais decorrentes do envelhecimento demográfico. Quando o idoso não tem família, o reconhecimento de limitações é uma condição que mobiliza a entrada em uma instituição.

Eu parei com tudo quando eu tive o derrame. Parei com o futebol, parei com o táxi, parei com tudo. Eu ainda tava em Bauru, e depois eu vim pra cá. Ai eu conheci um amigo, uma pessoa muito boa, que me trouxe pra cá, não dava mais pra morar sozinho. (Guimarães, 56 anos)

A doença, concretizada com um AVC, ameaçou as atividades ligadas ao trabalho, ocorrendo uma ruptura social com a perda da identidade de trabalhador e, conseqüentemente, a aproximação com a institucionalização. Viver institucionalizado é, quase sempre, uma consequência de algo. Quando não, é uma opção. Goffman afirma que a entrada voluntária em uma instituição significa que já havia se dado, de alguma

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

forma, o afastamento do “mundo doméstico”.¹¹

Quando eu fiquei doente eu fui pra casa do meu menino, falei “não, não vou ficar aqui, não, vou pra lá porque tando lá eu faço terapia” [fisioterapia]. Ah, porque a gente vai pra casa dos outro, pra casa dos filho, vai dá trabaio pra eles, e não acho que é como aqui, não, aqui é, as muié tá aí por conta, agora lá não tá por conta só daquilo, de cuidar da pessoa. (Machado, 88 anos)

O próprio idoso optou por sair de casa, ou da casa dos filhos, e residir em uma instituição asilar com a intenção de recuperar a saúde, também alimenta a visão de assistência à saúde neste espaço de moradia. Ao mesmo tempo, existe a noção de cuidado no ambiente familiar, associado ao “dar trabalho”, ao sentimento de estorvo no qual o idoso se depara.

[...]Aí meus menino me oiou quatro ano, igual óia um ovinho de beija-flor, tudo carregada, tudo, né[...] E[...] Eu fiquei com dó deles[...] “Ah, eu vou ver se eu arrumo uma vaga lá no[...][nome da instituição]”. Porque eu já tinha vindo aqui uma vez passear, né, e tinha gostado[...] Eu morava com a minha filha, aí minha filha cansou, né, pegou e falou “mãe, arruma uma pessoa pra oiar a senhora porque eu não tô aguentando mais”. (Clarice, 72 anos)

Uma família que “não aguenta mais” cuidar de seu idoso, seja ela com grande ou pequeno número de membros, possui seus motivos, e estes podem relacionar-se, além da dinâmica familiar, com o contexto pós-moderno e com as repercussões nas relações sociais e no cuidado com as gerações mais velhas. Este cuidado, também, está entrelaçado às ligações afetivas que se constroem ao longo da vida, no dia a dia e, a consequência de sua ausência na vida do idoso, antes da institucionalização, são os conflitos geracionais, a falta de um lugar e a solidão.

Antes de morar aqui eu morava com meu genro, né, e depois eu fui lá pra [cidade vizinha], fiquei com a irmã, morando com a irmã sorteira, né, e a outra é casada. Um dia eu encenquei lá com o cunhado lá, falei “eu não vorto mais aqui”, e não vortei lá mais. E faz um ano que também não vou vê a minha irmã. Aí depois eu vim pra cá. (Riobaldo, 94 anos)

De acordo com o Estatuto do Idoso²⁰, deve-se priorizar o atendimento do idoso por sua família, em detrimento do atendimento asilar, com exceção daqueles que não possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência. No entanto, entende-se que a instituição asilar não é o melhor local para abrigar a pessoa idosa quando há condição desta de permanecer na família.

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

Nota-se, pelos discursos dos entrevistados, que as razões de viverem na instituição asilar estão relacionadas à perda de autonomia e independência, decorrentes de limitações físicas, e, também, ao fato de não terem alguém que possa cuidá-los, encontrando, na instituição, tais suportes.

Aqui[...] como é?

As instituições asilares possuem características de instituições totais, vistas como locais de segregação, de isolamento, permeados por um conjunto de normas e regras.¹¹ O cotidiano dos idosos é estabelecido pela equipe dirigente, existem horários para as atividades, que são realizadas em conjunto pelos residentes sob diferentes autoridades da instituição.

Aqui é assim[...] A gente acorda de manhã cedo, 6h, toma banho, troca, vai tomar café, não faz nada, espera o almoço, depois do almoço tem gente que dorme, não faz nada até a hora do café, aí depois a gente continua fazendo o que a gente tava fazendo, que é não fazer nada. A gente fica sem vergonha, porque não faz nada. Vira vagabundo, né, porque não tem nada pra fazer. Eu, por exemplo, não tem como sair da cadeira, complica da gente sair, então sai menos. Então a gente precisa respeitar a situação. (Guimarães, 56 anos)

A ocupação do tempo, na instituição asilar, tem um ritmo diferente do mundo externo deixado pelo idoso (ou arrancado dele). A velocidade dos fazeres cotidianos é outra, e pode ser que os “fazer” não existem, ou então, o fazer é “fazer nada”. É como se os idosos paralisassem diante de suas condições de limitações e se dedicassem a um esgotamento. Apesar da aceitação da situação, existe o desejo de preencher, de alguma forma, esse tempo esgotado, esse vazio.

Sabe, eu levanto, fico lá no meu quarto, subo aqui pra cima, ando aqui com o meu marido, aí vai passando, você não percebe. Se precisar de ajudar uma pessoa eu ajudo, se uma pessoa cair ou qualquer outra coisa, eu vou, levanto, então eu me sinto bem, me sinto útil. (Adélia, 67 anos)

Sentir-se útil ajudando outros idosos residentes preenche o vazio e coloca o idoso diante da possibilidade de criação de novos papéis, de reconstrução da identidade, pois esta se dá na relação com o “outro”. Os idosos institucionalizados enfrentam adaptações às novas identidades, ao ambiente desconhecido, ao novo contexto de moradia, às convivências cotidianas.

A reconstrução de papéis está limitada a uma dimensão reduzida da realidade social, inserida no espaço físico da instituição.¹² É

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

neste espaço que os idosos, diariamente, se reconhecem e adquirem novas concepções, novos valores, novas relações e, assim, aprendem a viver diante da diversidade do ser humano.

Daqui eu gosto, convivo bem. Quem mora assim não pode ser muito explosiva, tem que aguentar muita coisa. Porque aqui você convive com todos tipo de pessoa, sabe? Pessoa sadia, pessoa doente, pessoa boa da cabeça, pessoa que não tem, é, a cabeça muito boa, então você tem que saber viver. Eu só discuto muito com a coordenadora daqui, sabe? (risos). Mas deixa pra lá[...]. (Adélia, 67 anos)

As instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) são entendidas como residências coletivas que assistem idosos carentes de renda e família, dependentes ou não, que necessitam de cuidados especiais. Essa diversidade circula no cotidiano do idoso e proporciona novas formas de interação e até o resgate da socialização, com um novo jeito de ser, com a reconstrução de um novo mundo social, limitado, mas capaz de incorporar novos papéis.

Foi difícil. Até hoje é difícil, porque eles não têm assim, um certo entendimento, sabe? É[...]. Falar um do outro, os fuxiquinho, às vezes a gente ganha até uns tapinha, e[...]. Mas, fica por isso mesmo[...]. Igual aquela gorda, morena, ela me deu três cocada na minha cabeça, isso aqui até adormeceu[...]. O braço dela é muito forte[...]. Mas eu não falei nada com ninguém e nem perdi amizade com ela, não [...]. As mais brava a gente foge, né? (Clarice, 72 anos)

Essa vivência compartilhada, essa divisão de um mesmo espaço, na qual as diferenças de personalidade e de condição de existência exigem do idoso, constantemente, novos encontros com o “outro”, provocam conflitos, discussões, brigas e desentendimentos. O idoso mais passivo compreende os confrontos e aprende a lidar com as situações conflituosas como uma maneira de se proteger e não criar mais problemas. Assim, também, se dá a relação com a equipe dirigente, que, de acordo com Goffman, são as chamadas “táticas de adaptação” que passam os idosos, e se referem às maneiras de desenvolver a adaptação dentro da instituição a partir do momento da admissão.¹¹

Não, aqui não tem nada que me incomoda, não, porque eu tenho, assim, aquela coisa de pessoa[...]. Das pessoa falar as coisa comigo e eu obedecer, ou eu responder bem, entendeu? Por exemplo, se a coordenadora vier me dar uma dura, eu vou ficar calada, né? Eu não vou responder ela. (Clarice, 72 anos)

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

Mesmo que sejam características da personalidade de dona Clarice, algumas “táticas de adaptação” podem ser observadas, como a “conversão”, no qual o internado tenta ser perfeito e aceitável pela instituição, e a “viração”, quando há uma busca de várias táticas para evitar sofrimentos físicos e psicológicos.¹¹ Essa busca é uma forma de reorganizar a vida diante da “mortificação do eu” que o idoso vivencia.

Aqui[...] é minha casa?

Entre os discursos dos idosos entrevistados, tornou-se nítida a percepção de que a vida em uma instituição asilar é repleta de paradoxos. Começando com a aceitação da condição de residir na instituição, tal vivência atinge a dimensão da resignação, no qual se vê um conformismo em relação à situação.

Então não posso reclamar de nada. Acho que aqui é minha casa, né!? Se não fosse aqui eu ia tá onde? Talvez na rua, porque em [cidade natal] eu tinha minha casinha lá, mas hoje lá onde eu morava não existe nem o bairro mais, desmancharam a casa, tem o campo lá só. Às vezes, se eu tivesse ficado lá, vai saber, tenho que agradecer a Deus[...]. (Guimarães, 56 anos)

Deve-se contextualizar a identificação com a instituição com as histórias de vida, pois o idoso que a considera como sua própria casa, em meio a tantas limitações e falta de privacidade, possui suas explicações. Estas relacionam-se com a facticidade, que se refere à existência humana definida pelas situações nas quais se encontra o ser humano, independente das escolhas, em um movimento contrário à liberdade de ação.²¹

Uma história de vida marcada pela institucionalização por longos anos, como a de dona Adélia, faz com que comparações entre uma instituição e outra e entre um momento de vida e outro estejam presentes em suas falas, assim como o costume, que permeia nos longos anos de adaptação ao viver em instituições.

Quando eu vim pra cá foi normal, porque eu já tava acostumada lá, porque lá no outro lar eu também dividia quarto com outras pessoa, tudo[...]. Eu não estranhei muito, porque eu já tava acostumada. Parece que eu saí dum lar pra ir pra uma casa! Aqui eu vejo como minha casa, só minha, entendeu? Aí mudou que eu vim pra cá, arrumei um companheiro, nós casamos, nós vivemos muito bem nós dois, mudou muita coisa, entendeu? (Adélia, 67 anos)

Essa identificação se dá em processo, pois no momento da chegada o estranhamento é natural devido à ruptura com o mundo externo e ao encontro com um mundo interno, novo e desconhecido. Alguns idosos sentem-se mais

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

assistidos e cuidados dentro da instituição do que se estivessem morando sozinhos ou com a família.

No primeiro dia eu fiquei, (risos), desconfiado, sabe? Povo estranho[...] Depois fui pegando conhecimento com um, com outro, e coisa, hoje é o memo que eu tá em casa, é a mema coisa, eu sinto bem. As muié que zela da gente é muito boa, muito atenciosa, educada, elas são muito educada e atenciosa. (Machado, 88 anos)

Acho que é melhor que minha casa, sabe? Eu chego lá tem hora que dá aquela loucura pra vir embora, que eu falo pra filha “vamo, vamo me levar” (risos). Porque eu sinto saudade até da cama, né? Até da cama eu sinto [...]As menina pergunta “mãe, quer voltar pra casa da senhora, eu arrumo tudo”. “Não filha, aqui tá melhor que na minha casa, porque aqui eu tenho companheiras, né?” (Clarice, 72 anos)

Porém, não é sempre que essa identificação acontece. O Sr. Riobaldo expressou o desconforto que muitos idosos institucionalizados vivenciam.

Ahh, eu não gosto, não, eu gosto de ficar na minha casa, né, mas eu não tenho mais casa e eu tinha quatro casa, duas fez inventário, tocou uma pra [nome da filha], e uma pra [nome da outra filha], que já morreu, né [...]A gente não sabe direito como é que fica, né[...] Aqui nós dorme em três no quarto, no pavilhão de lá[...] Dorme muita gente, tem muita gente aqui. (Riobaldo, 94 anos)

Como é para um idoso que possuía quatro casas ter a consciência de que o local onde reside atualmente não é só dele? A falta de privacidade mistura-se com a esperança de voltar a viver com a família. Como é para o idoso ter a consciência de que a vida que tinha antes não existe mais? Como ele lida com as perdas, com as lembranças, com o passado? Em contato com a realidade da institucionalização, cada idoso vivencia, percebe e significa quem ele é e como ele se constrói diante desta nova forma de viver. Este viver está em constante construção e necessita do que já se foi e do que é para poder ser.

◆ Resgatando da memória

◆ O trabalho

O passado se fez presente nos discursos dos idosos entrevistados, e o trabalho ocupou lugar de destaque, possui uma centralidade na vida do ser humano, por situá-lo no mundo e por contribuir com a construção de sua identidade. E quando o trabalho não faz parte mais da vida do idoso, ele sempre volta através da memória, acompanhado de outros

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

aspectos, significando as experiências de um trabalhador.²²

Para dona Clarice, o trabalho foi valorizado em relação à sobrevivência, pois necessitava do dinheiro para criar os filhos, sozinha.

Antes eu trabalhava no cemitério, trabaiei dezessete ano. Não, eu trabaiei em muitas coisa, trabalhei de colocar ilhós, quando tinha muito serviço aqui, então eu fazia aquelas banca de madrugada, de noite[...]Eu trabaiei, assim, de lavadeira, passadeira, faxineira, e[...] Panhava café, trabalhava na roça, eu enfrentei tudo, sabe? Eu precisava do dinheiro, né? Porque eu tinha quatro filho. Eu que responsabilizava tudo, graças a Deus [...] Também eu trabaiei olhando as senhoras de idade, né? Era um serviço de bastante responsabilidade, difícil, eu trabalhava a noite, só eu sozinha, então eu tinha que ter muita responsabilidade, mas eu sinto saudade, viu? Igual lá no cemitério, um serviço, é[...] Pra gente dizer, assim, um serviço porco, né, sujo, mas eu gostava porque eu tinha uma amizade tremenda, sabe? Tinha muita amizade, tinha muito serviço, e então eu sinto saudade também de lá, certo? Eu limpava os túmulos, né, lavava os azulejo, encerava, ariava os bronze[...]. (Clarice, 72 anos)

A necessidade de enfrentamento de vários tipos de trabalho fez de dona Clarice uma mulher batalhadora e responsável. O valor do trabalho, além da sobrevivência, esteve ligado ao convívio social, ao sentimento de pertença, aos laços de amizade. Tudo foi lembrado e contado com saudades, pois já não existe mais.

Tal ausência é sentida pelo Sr. Riobaldo, com certo cansaço, com a sensação de dever cumprido, pois o tempo de produção, para ele, já acabou.

Eu trabalhei na enxada, só. Trabalhei capinando café, capinando na roça que o papai arrendava do fazendeiro, né? E essa foi minha vida [...]Tudo era eu que fazia, pagava conta, tudo eu que fazia. Só que eu não quero trabalhar mais não, agora chega, já trabaiei muito. (Riobaldo, 94 anos)

“Agora chega”. A identidade de trabalhador alcançou a dimensão da finitude, refletindo que o movimento e o papel do idoso, agora, são outros. É como se não desse mais para fazer, pois o “fazer algo” já foi valorizado em seu devido tempo. Tal valorização está, também, intimamente ligada à serventia e, dar-se conta daquilo que foi realizado, em termos de produção, pode ser surpreendente.

Eu trabaiei de marceneiro. Trabaiei muito tempo de empregado, em roça, marceneiro eu fui agora por último. Óia, mas já fiz coisa demais, fiz charrete, fiz muita cama,

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

muita taburete, taburete eu fiz uns 400 já, agora eu vejo esses móveis aí, mas nossa, tudo isso aí eu já fiz, cama, cadeira, tudo isso aí eu já fiz [...] Mas já trabaiei demais já, Nossa Senhora. Eu fico lembrando, será que foi eu que fiz isso tudo? Óia que eu já fiz coisa, nossa, fiz coisa demais! [...] Agora eu não faço nem um palito, já pensou? Tudo se caba! Tudo se caba! Tudo começa e caba. (Machado, 88 anos)

O Sr. Machado resgatou da memória tudo aquilo que foi produzido por ele, toda criação, e as lembranças foram ao encontro da finitude, mas no sentido de não poder fazer mais, e não por não querer mais, como expressou o Sr. Riobaldo. São expressões distintas de apropriação deste momento pós-moderno, no qual o Sr. Machado sente o tempo que ainda lhe pertence, mas sem poder usá-lo pelas limitações físicas, e o Sr. Riobaldo sente o tempo que já se foi, sendo que “não querer mais” expressa o sentimento de não ser mais o seu momento. Ou seja, a finitude, a facticidade, assume diferentes perspectivas. No entanto, ambos os discursos remetem, implicitamente, às questões do envelhecimento estigmatizado, em virtude da incapacidade e da falta de correspondência às expectativas sociais de atividade e produtividade.¹⁵

No mundo pós-moderno, em sociedades contemporâneas, a importância e exaltação do trabalho concedem ao trabalhador um lugar de destaque entre os papéis sociais que representam o “eu”, sendo assim, conferem valor social.²² Dona Adélia nunca trabalhou, e quando se depara com o passado, carrega o pensamento de que algo poderia ter sido, e não foi.

Eu nunca trabalhei pra fora, aí eu cuidava da casa só. Eu queria ter tido uma vida boa, arrumar um bom serviço, trabalhar, mas nada disso aconteceu. Aí, mas eu era preguiçosa (risos), como eu me arrependo! Eu não fazia nada [...] Ah, sabe, mas mesmo assim eu acho que eu me sentia útil, sabe porque? Eu dava conta da minha casa, minha casa tava sempre arrumada. (Adélia, 67 anos)

Apesar de não ter tido a experiência de “trabalhar para fora”, a sensação de utilidade esteve presente na vida de dona Adélia, pois sua vivência refere-se ao cuidar da própria casa. Ser “dona de casa” constitui sua identidade. Qual o impacto que a ruptura com essa função teve a partir do momento em que dona Adélia passou a residir em uma instituição, um local onde os cuidados e os fazeres são enquadrados e desempenhados por uma equipe?

◆ As relações e as recordações

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

O idoso institucionalizado, em contato com o passado, lembra de seu convívio, de seus fazeres, da vida que tinha antes, das relações, de tudo aquilo que o construiu. De acordo com a teoria de Erik Erikson²³, o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos possui oito estágios consecutivos que preenchem o ciclo de vida, sendo que o último refere-se à etapa do envelhecimento. No tocante ao processo de socialização, é fundamental, nesta etapa, a manutenção do “eu” em diferentes papéis sociais e a capacidade de olhar para trás e aceitar o percurso da forma como foi realizado a fim de enfrentar a própria vida. Além disso, há a ênfase de que o afeto, sendo algo positivo, é essencial na obtenção de grupos sociais saudáveis e agradáveis. Assim, a interação com o “outro” é mecanismo essencial para a construção da identidade e, para o Sr. Guimarães, tal interação o fez encontrar quem ele era, quais os papéis desempenhava e o que fazia sentido em sua vida.

Eu convivia bem com as pessoas, era rodeado de muita gente, porque era técnico de futebol, então tinha a molecada toda, eu tinha bastante amigo. Era bom, era muito bom. Eu acordava, ia pro meu táxi, ficava o dia inteiro na rua, pra lá e pra cá. No final da tarde eu chegava em casa e ia pro futebol. Então eu não tinha tempo pra nada. Mas eu gostava de ajudar os outros, era isso que eu gostava de fazer. (Guimarães, 56 anos)

Nas entrelinhas do “era rodeado de muita gente”, fala que o Sr. Guimarães repetiu algumas vezes, são refletidas a ausência e a solidão de seu novo contexto de vida e, novamente, a sensação de utilidade. Atualmente, ele continua rodeado de pessoas na instituição, porém, tentando desempenhar novos papéis. Antes, não havia “tempo para nada”, agora, o tempo precisa ser preenchido para não se esgotar.

Um tempo a ser lembrado, resgatado, pois os idosos reduzem a ação, o momento presente, e se voltam para os acontecimentos do passado.

Ahhh!!! Nossa, meus tempo livre era muito bom! Era beber pinga, fumar, dançar! (risos). Dançava muito, nós fazia muito forró, sabe? Não podia ter uma chancezinha que nós tava fazendo uma baguncinha, sabe? (risos). Tinha muito amigo e amigas também. A gente tinha aquelas amiga que era muito apegada, né? [...] A minha vida foi bastante difícil, né? Mas não deixa da gente ter umas recordações, igual quando eu trabalhava no pau de arara, a gente é, ia pra essas fazenda, e brincava muito, e eu tenho saudade de ir pra roça, sabe? (Clarice, 72 anos)

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

Dona Clarice puxou da memória os momentos de diversão que já vivenciou, as amizades. Entre tantos anos vividos, entre tantos acontecimentos, tantas histórias, a memória selecionou aquilo que a mente deixou e, o que foi recordado, veio com saudades, como uma lembrança preservada.

A saudade do que se foi vem com força, também, para o Sr. Riobaldo, e suas lembranças se prenderam às perdas, às ausências.

Minha vida quando eu era casado era boa demais, a mulher gostava muito de mim, eu gostava dela mais. Ela tinha ciúme de mim (risos). E eu tinha mais ciúme dela, né (risos). Coitada[...] [nome da esposa]... Ela ficou doente[...] “E agora você vai ficar livre de mim”, ela falou, “Eu vou morrer”. Sinto falta dela até hoje, sinto falta e muita. Da [nome da filha] a mesma coisa[...] Perdi a esposa e perdi a filha, né[...]. (Riobaldo, 94 anos)

◆ A identidade revisitada

◆ O que ainda posso?

O ato de envelhecer implica mudanças constantes, e saber lidar com as perdas, buscando novas aquisições no processo de envelhecimento é o que o torna saudável. Essa busca refere-se ao poder de assimilar as mudanças físicas, psicológicas e sociais com novos papéis sociais no decorrer da vida, a fim de que a utilidade permaneça na vida do idoso.²²

Nesse sentido, todo indivíduo que vivencia o processo de envelhecimento, sofre, em maior ou menor grau, tais mudanças, e se existem diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais etc, envelhecer é, de fato, um fenômeno heterogêneo. Quando o idoso está inserido em uma instituição, a busca por um envelhecimento saudável é mais limitada, pois entre tantos fatores, a segregação social se destaca, dificultando as assimilações. Portanto, mesmo diante de algumas perdas e limitações associadas ao envelhecimento e à institucionalização, existem potenciais e desejos contribuindo na construção de novos papéis, na construção da vida.

E depois que eu vim pra cá eu comecei a fazer poesia, participei de um concurso aqui em Franca, do[...] EJA, né!? Eu ganhei duas vezes já [...]O pior pra mim é não andar. Eu tenho muita vontade de andar. Se eu andasse eu ia fazer muito mais coisa pra mim e pros outros [...]Mas se eu andasse eu ia pra onde queria, a hora que queria, onde queria ou como queria, ou tava com quem queria, dá vontade de viajar, vai viajar, dá vontade de jogar bola, vai jogar bola, dá vontade de comer, comia[...] É assim que eu

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

queria tá [...]Eu me sinto como um passarinho sem asa, com uma asa quebrada. Você já viu passarinho assim? Então, eu sou desse jeito. Uma perna que agora tá com problema, eu não posso ir longe, então onde eu fico, eu fico rodeando onde eu tô. Se eu tivesse minha perna boa, aí eu era livre! Deus me deu esse AVC, então eu tive que vim aqui e aprender [...]Se me falta a liberdade não é por causa do asilo, não, é por causa da minha perna. (Guimarães, 56 anos)

Sr. Guimarães encontrou a sua maneira de adaptar-se a este novo contexto de vida escrevendo poesias, que não ficaram escondidas para si mesmo, nem para a instituição, pois alcançaram um concurso da cidade. A atenção dada a sua forma de expressão artística o fez sentir-se importante, capaz, no entanto, ele deixou claro que sua liberdade é limitada devido a sua condição de saúde, e não por viver em uma instituição. A liberdade, tão presente em todos os discursos, de uma maneira explícita ou implícita, caminha ao lado do desejo.

Ah eu gosto sabe de que? De fazer tudo! Eu tenho uma vontade que elas me dão uma oportunidade de ir lá na cozinha picar folha!!! Sabe? Eu pico tão fininho!!! Que não precisa nem de mastigar! Mas elas não deram, não. (Clarice, 72 anos)

Dona Clarice é cadeirante, então possui algumas limitações. Porém, não impedem que o desejo, por mais simples que seja, esteja ligado à autonomia, à independência, à liberdade. Sentir-se útil, capaz e produtivo permeiam a existência humana e aproximam o idoso de um envelhecimento mais saudável.

Mas há, também, o contrário. O discurso no qual a incapacidade de fazer algo se associa à ideia negativa da velhice na contemporaneidade.

Agora que eu vejo, quando eu era mais nova eu num[...] Sei lá[...] Pensava direito. Mas agora que eu vejo o quanto fez falta um estudo. Agora não dá mais tempo, ninguém vai querer uma pessoa de quase 70 anos numa escola, numa sala de aula, num dá mais pra estudar [...]Pra mim, naquela época eu era uma pessoa assim[...] Ai, sei lá[...] Agora, eu assim, na idade que eu tô, casei também, um casamento muito bom, eu acho que eu deveria ter estudado, ter me formado em alguma coisa, ter uma profissão, pra hoje eu poder ajudar, entendeu, nas despesas, sabe como é que é? Alugar uma casa, ou comprar uma casa, e morar lá, sair de lar, apesar que eu gosto daqui, aqui é a minha casa. (Adélia, 67 anos)

É uma mistura daquilo que não foi e que poderia ter sido, com aquilo que é, e daquilo que é com o que poderia ser. O que impede

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

dona Adélia de sair da instituição para ter seu próprio lar com seu esposo? A falta de um estudo e de uma profissão refletem em dificuldades financeiras, mantendo sua liberdade e desejos limitados.

◆ Como estou?

Para Merleau-Ponty²⁴, o sujeito só pode ser compreendido por meio de suas relações com o mundo, sendo no mundo, portanto, sujeito e mundo dependem um do outro para existir. Se o sujeito não estivesse em relação com o mundo, se estivesse isolado, sua autodescrição não seria possível.

Compreender o mundo no qual o idoso se insere é compreender o que o constitui, como ele existe diante de sua realidade e como ele se percebe e se descreve. Para dona Adélia, sua existência e a reconstrução de sua identidade associam-se ao seu casamento, realizado dentro da instituição.

Faz dois anos já que eu e meu marido casamos. Casamos aqui. Assim, como pobre o casamento, porque a gente não tem muito, mas foi uma coisa muito bonita, entendeu? Então hoje eu sou uma pessoa, assim, realizada! Eu casei, né? Então eu sou uma mulher realizada. Lá no outro lar eu não gostava, mas aqui eu me encontrei. Sou feliz e realizada com o meu marido! (Adélia, 67 anos)

Avaliar a própria vida para saber se é boa ou ruim é, de acordo com Paschoal, um processo intrapsíquico complexo, que abrange julgamentos, emoções e projeções para o futuro. Fatores pessoais, ambientais, bem como saúde e doença, relacionam-se às interpretações do indivíduo e influenciam na maneira e no quanto ele valoriza e sente-se satisfeito com sua vida.²⁵

Ah, eu percebo assim, tem hora que eu penso “nossa, mas ficar fechada, né? Quieta[...]”. Mas depois eu penso “durante a semana eu tenho que ficar quieta mesmo, mas chega fim de semana eu passeio[...]”. Já me apeguei aqui, já tenho minha liberdade, eu faço o que eu quero[...] Então eu sou assim[...] É[...] Como que fala? Realizada! Realizada! Sou realizada. Tô aqui e acho bom demais aqui. (Clarice, 72 anos)

A liberdade e a realização constituem a vida de dona Clarice. Isso não quer dizer que só haja sensações de prazer e ausência de sofrimento, mas a forma como a vida foi significada contribui em sua satisfação. Da mesma forma acontece com o Sr. Machado, acrescentando o fator “amparo”.

Ai, eu me sinto bem, tô bem amparado, o povo aí parece que gosta de mim, procura conversar comigo, então acho que eu tô bem amparado. Os filho vem cá, ajuda, toda semana eles vem aqui, com gente

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

conhecida, então tá bom. (Machado, 88 anos)

Ao envelhecer, o idoso transparece maior necessidade de cuidado, atenção, amor e afeto, e tais aspectos, quando relacionados com positiva dinâmica familiar e com o histórico de vida, se intensificam. Dessa forma, a afetividade é significativa na vida do idoso e o convívio com a família é um benefício, em se tratando de qualidade de vida.

◆ Sobre o futuro

Os idosos entrevistados refletiram sobre o presente, recordaram o passado e, sutilmente, pensaram sobre o futuro. O processo de institucionalização foi, de certo modo, absorvido por dona Clarice e pelo Sr. Machado, que a aceitação em residir em um asilo está acompanhada pelo medo de ir embora.

Eu não tenho intenção de sair daqui, não, sabe? Eu não tenho intenção de sair daqui, agora vamo ver eles, né. O povo daqui. Porque às vezes, né, pode mandar embora, acontecer alguma coisa, eles pode mandar embora, se a gente errar, né? Mas vai que eu não vou errar mais, não, não erreí até aqui, né? Um ano e cinco mês! Eu acho que eu não saio, não. (Clarice, 72 anos)

Agora eu vou comprar uma casa, empregar o dinheiro, empregar lá, mas pra morar sozinho eu não vou morar mais não. No tempo que eu vivia sozinho eu não tinha nada, tinha saúde, era normal, agora desse jeito que eu tô, não dá pra ficar sozinho não, não tem jeito. Naquele tempo não, eu morava sozinho, eu achava bão, na época eu tinha destreza pra tudo, agora não tenho. A pessoa perdeu a destreza, não pode ficar sozinho não, não tem jeito. (Machado, 88 anos)

O discurso de dona Clarice remete a um medo de ser mandada embora pela equipe dirigente e, com isso, reforça que possui atitudes corretas, colaborando com a instituição, refletindo, novamente, a “conversão”, tática de adaptação descrita por Goffman.¹¹ Já o Sr. Machado tem medo de morar sozinho, pois reconhece seus limites, tendo consciência de que, apesar de já ter recuperado sua saúde, não tem total independência.

A desaceleração de corpos e ações, na instituição asilar, é evidente, assim como o paradoxo de sentimentos que a acompanha. Se existe o conformismo com a condição de vida e moradia, existe, também, a esperança de mudança, de sair da instituição. Essa espera pode ocupar o pensamento e preencher o tempo desacelerado, esgotado.

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

Hoje eu tô esperando a [filha] vim me buscar pra ir embora [...]O que incomoda é que eu quero ir pra casa, eu vou morar lá com a [filha], se ela me aceitar, né, morar[...] É, é só isso mesmo. É só isso. (Riobaldo, 94 anos)

Sr. Riobaldo tem um desejo enorme de morar com a filha, mas a falta de autonomia impede que suas escolhas sejam atendidas. A espera também pode ocupar um tempo relacionado ao destino, no qual a liberdade de escolha é limitada por uma perspectiva de vida distante, ou até desconhecida.

Então eu tô aqui. Agora, daqui pra frente eu não posso te dizer como é que vai ser, né? Posso ir embora daqui, posso ficar aqui, completar mais dez anos, tudo, não sei, a gente não sabe o dia de amanhã, né? A gente sabe o dia de hoje. (Adélia, 67 anos)

O “não saber” como vai ser coloca dona Adélia diante da possibilidade de mudança, mas seu conformismo e identificação com a instituição fazem com que ela viva o presente, sem se preocupar com o futuro.

Minha velhice

Em se tratando do processo de envelhecimento, a naturalidade foi identificada nos discursos, já que “ficar velho” faz parte da vida. Dona Clarice associou a idade cronológica ao envelhecer e houve um protagonismo do Sr. Machado em relação à experiência interligada na velhice.

Ah, eu acho que eu tô velha, porque já to com quase 73 ano, mas eu tô muito bem tirando a dor na perna. Então, já que tem que ficar velho mesmo, é assim[...] Natural da vida, né? (Clarice, 72 anos)

Ah, eu acho bom de ter essa idade, porque é sinal de que apesar de tudo eu tenho saúde, já convivi com muita gente, já trabaiei muito, em barragem, já corri risco demais, corri muito risco, mas não aconteceu nada, não. Então, é bom, ficar véio significa experiência, a gente tem mais experiência das coisa, a gente pode até orientar os outros, tem história pra contar, né? (Machado, 88 anos)

A sociedade pós-moderna é marcada pela aceleração, pelo ritmo veloz do mercado de trabalho, pela exaltação da juventude na tentativa de evitar o envelhecimento e contato com a finitude. No entanto, neste contexto, existe a reconstrução da identidade do velho no sentido do envelhecimento bem-sucedido. Já no interior de uma ILPI, o movimento e o olhar do idoso vai em direção oposta. Nos discursos dos entrevistados, o contato com a velhice aponta um traço particular do “ser” velho, no qual tal etapa da vida não se constitui como algo positivo, nem negativo. Como sujeito institucionalizado, o

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

idoso vivencia e percebe sua identidade de velho como algo natural da vida.

CONCLUSÃO

O trabalho utilizou o método fenomenológico a fim de compreender a percepção de idosos institucionalizados a respeito de sua identidade no contexto pós-moderno. As observações da pesquisadora, a partir de sua inserção na ILPI concedente, juntamente com a análise e interpretação dos dados coletados, possibilitaram algumas reflexões acerca dessa temática. No que se refere ao processo de institucionalização, identificou-se que os idosos já viviam, antes de serem admitidos na instituição, em condições de fragilidade e dependência, principalmente em se tratando do declínio das condições de saúde.

A busca, seja pela família, seja pelo próprio idoso, em cuidado e assistência à saúde, foi notória nos discursos de quatro, dos cinco idosos entrevistados. A perda da autonomia e/ou independência, o surgimento de doenças e a falta de companhia e cuidado foram os principais pontos relatados pelos idosos a fim de justificarem sua nova moradia. Essas razões apontam a importância de as ILPIs integrarem a assistência à saúde à assistência social de uma forma digna com o propósito de que o estigma da instituição, como local de exclusão social do idoso, seja reduzido. Não se trata, aqui, de defender a institucionalização, pois se reconhece os impactos que pode causar. A intenção é provocar reflexões a respeito da necessidade da existência das ILPIs no contexto atual, a partir das falas de quem vivencia o processo de institucionalização, encarado como uma alternativa de vida para aquele que não possui outra opção.

Além disso, apreendemos que as relações humanas constituem um indivíduo em sua história e, o idoso, ator social que sofre perdas em diversos âmbitos da vida, é capaz de se reconstruir, mesmo que esteja institucionalizado. Alguns papéis desempenhados antes de serem institucionalizados foram, realmente, perdidos, porém, a possibilidade de encontrar novos caminhos, de ressignificar a vida, existe. Apesar de um cotidiano controlado e monótono, eles convivem uns com os outros, e também, com a equipe dirigente, formando um grupo. Como agir para facilitar o convívio? As intervenções grupais buscam o fortalecimento dos vínculos entre os sujeitos para que as relações humanas sejam mais autênticas, o que pode, portanto, melhorar a

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

qualidade de vida dos idosos institucionalizados.

Outro aspecto identificado foi que, mesmo que a fragilidade física seja um fator que limite a independência dos idosos, a autonomia se faz presente e pede espaço na vida dos cinco idosos entrevistados. Nesse sentido, é importante que a instituição encontre alternativas que vão ao encontro das potencialidades, capacidades e habilidades dos idosos, permitindo que eles se coloquem diante da vida e se vejam em outras atribuições, construindo novas identidades.

Os idosos entrevistados percebem sua identidade de velho como uma etapa natural da vida, o que expressa um discurso diferente identificado na sociedade pós-moderna, no qual o velho é um sujeito “descartável”, pois, improdutivo, nada tem a contribuir. A velhice institucionalizada aponta novos ritmos, velocidades, movimentos. É perceptível, simplesmente, ao visitar uma instituição. Vai, realmente, contra a rapidez do mundo pós-moderno. Isso não significa que o sofrimento, a solidão, o medo, o esgotamento, entre outros, não existam no cotidiano institucional, mas indicam possibilidade de ampliação do olhar no trato com a velhice, com a velhice institucionalizada, encarando novas maneiras de intervenção, respeitando o fluxo da vida nesta etapa.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Notícias Censo 2010. [Internet]. 2010 [cited 2014 July 2]. Available from: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>
2. Bauman Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.
3. Moreira V, Nogueira FNN. Do desejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicol USP* [Internet]. 2008 [cited 2014 July 2];19(1):59-79. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v19n1/v19n1a09.pdf>
4. Debert GG. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1999.
5. Camarano AA, Kanso S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Rev bras est pop* [Internet]. 2010 [cited 2014 July 2];27(1):233-35. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v27n1/14.pdf>
6. Khoury HT, Rego RC, Silva JC, Silva AL, Novaes, VR, Sanches TR, et al. Bem-estar

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

subjetivo de idosos residentes em instituições de longa permanência. In: Falcão DV, Araújo LF. (Orgs.). *Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados*. Campinas: Editora Alínea; 2009. p.103-18.

7. Yamamoto A, Diogo MJD. Caracterização das instituições asilares do município de Campinas quanto à área física. *Rev paul enferm* [Internet]. 2002 [cited 2014 July 2];21(3):213-19. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_links&ref=000107&pid=S1983-144720110002000200010&lng=pt

8. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Manual de funcionamento para instituição de longa permanência para idosos. [Internet]. 2008 [cited 2014 July 2]; Available from: http://pt.scribd.com/doc/74303807/ManualS_BGG

9. Silva MV, Figueiredo MLF. Idosos institucionalizados: uma reflexão para o cuidado de longo prazo. *Enferm foco (Brasília)* [Internet]. 2012 [cited 2014 July 2];3(1):22-24. Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/215/136>

10. Espitia AZ, Martins JJ. Relações afetivas entre idosos institucionalizados e família: encontros e desencontros. *ACM arq catarin med* [Internet]. 2006 [cited 2014 July 9];35(1):52-59. Available from: <http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/355.pdf>

11. Goffman E. *Manicômios, prisões e conventos*. 8th ed. São Paulo: Perspectiva; 2010.

12. Souza JLC. Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada. *Jornal da Universidade Federal do Pará* [Internet]. 2003 [cited 2014 July 9];4(1):77-86. Available from: <http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2003>

13. Andrade MAR. Estigma e velhice: ensaios sobre a manipulação da idade deteriorada. *Rev kairós geront* [Internet]. 2011 [cited 2014 July 9];14(1):79-97. Available from: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairós/article/viewFile/6928/5020>

14. Melo ZM. Os estigmas: a deterioração da identidade social. *Anais do I Seminário Internacional Sociedade Inclusiva*. [Internet]. 2009 [cited 2014 July 9]; Available from: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>

15. Limont TB. Vivendo no asilo: uma etnografia sobre corporalidade e velhice.

BS Carrara, Espírito Santo PMF.

Velhice institucionalizada em tempos pós-modernos...

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2011.

16. Maia GF. Corpo e velhice na contemporaneidade. *Estud pesqui psicol* [Internet]. 2008 [cited 2014 July 9];8(3):704-11. Available from: <http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a11.pdf>

17. Maia GF, Londero S, Henz AO. Velhice, instituição e subjetividade. *Interface comun saúde educ* [Internet]. 2008 [cited 2014 July 9];12(24):49-59. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/1801/180114103005.pdf>

18. Martin J, Bicudo MA. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. 4 ed. São Paulo: Moraes; 2004.

19. Davim RMB, Torres GV, Dantas SMM, Lima VM. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. *Rev. Latino-am Enfermagem* [Internet]. 2004 [cited 2014 July 17];12(3):518-24. Available from: <http://scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a10.pdf>

20. Brasil. Ministério da Saúde. Estatuto do idoso. [Internet]. 2009 [cited 2014 July 17]; Available from: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_2ed.pdf

21. Ferreira AMC. Amor e liberdade em Heidegger. *Kriterion* [Internet]. 2011 [cited 2014 July 17];52(123):139-58. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v52n123/a08v52n123.pdf>

22. Souza RF, Matias HÁ, Brêtas ACP. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2010 [cited 2014 July 17];15(6):2835-43. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n6/a21v15n6.pdf>

23. Kaplan H, Sadock B, Grebb J. *Compêndio de Psiquiatria: ciência, comportamento e psiquiatria clínica*. 9th ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2008.

24. Moreira V. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicol reflex crit* [Internet]. 2004 [cited 2014 July 17];17(3):447-56. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a16v17n3.pdf>

25. Paschoal SMP. Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião. 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Submissão: 04/11/2015

Aceito: 22/03/2016

Publicado: 01/05/2016

Correspondência

Patrícia Magalhães Franco Espírito Santo
Uni-FACEF Centro Universitário Municipal de Franca
Av. Maj. Nicácio, 2433
Bairro São José
CEP 14401-135 – Franca (SP), Brasil